

TER, Nivaldo Nery, 90, Casa Clara, RJ, Jovana Figueiredo

MARCELO NINIO

© Nivaldo Nery, 90, Casa Clara, RJ, Jovana Figueiredo



Prisões políticas, de Moscou a Pequim

O presidente Lula exibiu uma cautela incomum ao comentar a morte do líder da oposição russa Alexei Navalny, amigado na semana passada. Segundo Lula, saudade dele não se pronunciaria "questão de bom senso", já que a causa da morte de Navalny, inimigo número um do Kremlin, ainda não fora esclarecida.

Bom senso, assim como a verdade, é antes

uma meta que um valor absoluto e universal. E quando está inserido num contexto político, com frequência ele se torna um conceito maleável e seletivo, guiado ao sabor de visões de mundo, ideologias e interesses. Cumprindo pena de 19 anos por "extremismo", Navalny salvou-se de um atentado por envenenamento, cujo maior suspeito foi o Kremlin. Mas não sobreviveu ao encarceramento numa colônia penal da Sibéria, uma das mais severas do sistema penitenciário russo. Ainda assim, por meio de advogados, notícias dele continuavam a ser publicadas nas redes sociais.

Por mais duras que tenham sido as condições da prisão de Navalny, ainda restava algum espaço para comunicação com o mundo exterior. Não é o que acontece na China, considerada por grupos de direitos humanos como o país com o maior número de prisioneiros políticos do mundo. É uma liderança impossível de ser comprovada com precisão, já que as autoridades chinesas não divulgam os números.

Com base em fontes abertas, a organização humanitária Dai Hua (diálogo, em mandarim) calcula que atualmente mais de 7 mil detentos

na China estejam pagando por suas convicções políticas ou religiosas. É uma estimativa por baixo, diz a organização, que mantém um banco de dados com presos políticos condenados no país desde 1980. Raros são os casos de ativistas com planos de derrubar o regime.

Os detentos da relação do Dai Hua são divididos em quatro categorias: dissidentes políticos (que manifestaram oposição ao monopólio de poder do Partido Comunista); praticantes de religiões vetadas no país; membros de minorias étnicas (geralmente acusados de separatismo, como os uigures); e os chamados "peticionários", presos por contrariarem decisões do governo, como expropriação de terras. Nos últimos anos, advogados de direitos humanos tornaram-se alvo crescente de perseguição, tornando ainda mais indefesos os que ousam antagonizar o poder.

O cerceamento a vozes dissidentes é um

ponto em comum entre regimes autoritários, mas é um erro igualá-los só por isso. Na China, o PC tem como uma de suas principais fontes de legitimidade o desenvolvimento do país nas últimas quatro décadas, que concedeu à população um nível de prosperidade sem precedentes em sua história. Por outro lado, é nítido que o governo se apoia para adulterar o conceito de direitos humanos, permitindo-se colocar o desenvolvimento coletivo acima (e no lugar) das liberdades individuais.

Assim como foi cauteloso ao falar da morte de Navalny na prisão siberiana, Lula também é generoso com o governo da China, preferindo poupar-lo de críticas sobre as denúncias de abusos no país por respeito à sua soberania. Evitar comentários sobre assuntos domésticos de outros países até poderia ser considerado uma "questão de bom senso" diplomático, caso o recurso fosse usado de forma indiscriminada pelo presidente.

O princípio de Lula parece claro: aos amigos, tudo; aos demais, um senso seletivo de justiça que compromete a sua ambição de recuperar a credibilidade do Brasil no mundo.

Diplomatas veem prejuízo para imagem do Brasil

Membros do Itamaraty avaliam internamente que para um país que busca ser mediador de conflitos e ter liderança global, declarações de Lula foram um 'tiro no pé'; analista afirma que fala causou 'dano gratuito' às vésperas de reunião do G20

JANAINA FIGUEIREDO

jovana.figueiredo@oglobo.com.br

"Um dia de vergonha para a diplomacia brasileira". Assim se expressaram vários diplomatas ativos do Itamaraty com os quais O GLOBO conversou, em condições de anonimato, sobre as falas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre o conflito entre Israel e o grupo terrorista Hamas. Ter comparado as mortes de palestinos na Faixa de Gaza ao Holocausto foi considerado pelas fontes diplomáticas consultadas "o improviso mais infeliz de todos os improvisos do presidente".

CRUZANDO LINHA VERMELHA

Em conversas informais, trocas de mensagens e e-mails, diplomatas brasileiros disseram ter compartilhado com colegas uma opinião profundamente negativa sobre as declarações de Lula na Etiópia, fim de semana passado. Para um país como o Brasil, que busca ser mediador de conflitos, ter tomado partido da maneira como o presidente fez foi, segundo os diplomatas ouvidos, "um tiro no pé difícil de ser contornado".

O presidente, avaliaram os diplomatas, "ultrapassou a linha vermelha", e seu tropeço causará enormes problemas para a diplomacia brasileira, como aconteceu em 2023, quando Lula improvisou em falas sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia crian-



Fala política. O presidente Lula em homenagem aos heróis caídos na Batalha de Adwa, em Adis Abeba, para diplomata, fala estratégia de comunicação

do mal-estar com os governos de Kiev e de outros países ocidentais. A fala sobre Israel e Hamas foi "desnecessária", "infeliz" e "desastrosa", opinaram as fontes diplomáticas consultadas.

A declaração de Lula, frisou uma das fontes, "tira o verniz de um país que pretende ser uma liderança global". O improviso do presidente mostrou, disse outra das fontes, que "o Brasil escolheu um lado no conflito". Agora, só resta aos diplomatas trabalhar para desamarrar a bomba que foi lançada pelo presidente na Etiópia. Na opinião de um dos di-

plomatas, "Lula se empossou na Etiópia, vinha de falar aos países africanos, e cometeu um erro gravíssimo. Falar sobre Holocausto é algo muito delicado". Para alguns dos diplomatas, o governo brasileiro carece de uma estratégia de comunicação consistente, como Lula teve, sobretudo, friso uma das fontes, em seu segundo mandato, entre 2007 e 2011. O chefe de Estado é visto pelos diplomatas brasileiros como um natural speaker, uma pessoa com notória capacidade de oratória. Mas, também, um

líder que, como muitos outros, tropeça. Para evitar esses tropeços, enfatizou uma das fontes, falta na equipe de governo uma pessoa que assessore melhor o presidente sobre temas sensíveis, não apenas em matéria de política externa.

EMBAIXADOR 'HUMILHADO'

As cenas do embaixador do Brasil em Israel, Frederico Meyer, no encontro no Museu do Holocausto com o ministro das Relações Exteriores do país, Israel Katz, também causaram

nismos multilaterais, sobretudo a de ocupar uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU. Agora é trabalhar para fazer controle de danos, coincidiram todos.

Outro diplomata afirmou que o trabalho mais pesado recai agora em Vieira, "uma pessoa que conhece o alcance e o poder das palavras". Já o presidente, disse o diplomata, "anda com a língua muito solta, falando bobagem e o estrago está feito".

G20 'CONTAMINADO'

Na opinião de Monique Sochaczewski, historiadora e professora do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IBDEP), "a fala de Lula foi muito ruim, e os gestos do governo brasileiro após essas falas fizeram o conflito escalar ainda mais".

Para ela, "em vez de discutir sobre este lamentável episódio, o Brasil deveria estar tratando de questões como mudanças climáticas e segurança alimentar".

—A dívida que fica é se houve um cálculo, claramente não da diplomacia brasileira, mas do círculo mais próximo do presidente nessa viagem. Se houve, é preocupante — conclui Sochaczewski.

Crise com Brasil foi 'oportunidade' para Netanyahu

Premier usou declarações de Lula para buscar alguma unidade, ao mesmo tempo em que enfrenta pressões internas e externas

FELIPE BARINI

felipe.barini@oglobo.com.br

"As palavras do presidente do Brasil são vergonhosas e alarmantes", afirmou, no domingo, o premier israelense Benjamin Netanyahu, em resposta à fala de Lula comparando as ações de Israel em Gaza com o Holocausto. Israel ainda declarou o presidente brasileiro pessoa non grata, e o embaixador brasileiro em Tel

Aviv, Frederico Meyer, recebeu uma reprimenda no Museu do Holocausto.

A crise veio em um momento delicado para Netanyahu. Sob intensa pressão da sociedade, mesmo antes da guerra, o premier tem fracassado ao tentar unir a população.

—[A fala de Lula] é um raro momento em que Netanyahu pode assumir uma postura de superioridade moral, de vitória, de dizer que os judeus fo-

ram desrespeitados. A decisão de convocar o embaixador tem um peso simbólico muito forte — disse ao GLOBO Marcio Santoro, colaborador do Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha.

REAÇÃO COM JUNTURA

Além dos aliados, políticos de oposição se juntaram às críticas a Lula. Yair Lapid, ex-premier, disse que a fala "mostra ignorância e antissemitismo".

—Do ponto de vista israelense, a fala de Lula, e toda a movimentação que se seguiu, como a convocação do embaixador brasileiro, foi uma oportunidade para Netanyahu unir governo e oposição em torno da guerra. Claro que ele só fez isso porque entende que bater no Brasil traz custos relativamente baixos, mais baixos do que atacar a Turquia, por exemplo, cujo presidente fez declarações semelhantes —

afirmou ao GLOBO Guilherme Casarões, cientista político e professor da FGV.

Para Santoro, embora a reação inicial tenha sido vigorosa, a crise ficará em segundo plano em Israel, ao contrário do Brasil, onde o incidente deve, segundo ele, repercutir por mais tempo. No campo externo, ele vê um risco, embora pequeno, da crise "ofuscar" a reunião de líderes do G20, no Rio de Janeiro.

Ainda é incerto se Netanyahu usou as falas para desviar as críticas a seu governo. Os EUA, maiores apoiadores de Israel, têm elevado o tom, e anunciaram, no começo do mês, sanções contra quatro colonos israelenses na Cisjordânia, acusados de ataques contra palestinos. Na União Europeia, apenas a Hungria não assinou uma declaração, ontem, defendendo uma "pausa humanitária imediata" em Gaza. E representantes da ONU têm alertado que uma ofensiva iminente contra Rafah, no Sul de Gaza, teria duras consequências humanitárias. Na cidade estão centenas de milhares de civis.